

EDITORIAL

ODE AO DIVINO EM TI

A TRAVESSIA DO HERÓI ENTRE CRENÇA E FÉ

Anne Lise Di Moisé Sandoval Silveira Scappaticci¹

annelisescappaticci@yahoo.it

– *¿Que gigantes? – dijo Sancho Panza.*
– *Aquellos que ali ves – respondió su amo-de los brazos largos,*
que los suelen tener a algunos de casi dos leguas.
– *Mire vuestra merced – respondió Sancho – que aquellos que allí*
se parecen no son gigantes, sino molinos de viento, y lo que en ellos
parecen brazos son las aspas, que, volteadas al viento,
hacen andar la piedra del molino.
– *Bien parece – respondió don Quijote –*
que no estás cursado en esto de las aventuras:
ellos son gigantes; y si tienes miedo, quitate de ahí,
y ponte en oración en el espacio que yo voy
a entrar con ellos en fiera y desigual batalla.
(Cervantes, 1605/2005, p. 111)

No seu tempo, Freud resolveu aprender, de maneira autodidática, espanhol para conseguir ler Miguel de Cervantes. Provavelmente, achou importante ler o original deixando-se transportar pela música das palavras. Penso que esse romance épico não é sobre Don Quixote, mas sobre a tensão entre a dupla que nos habita a alma e a vida, Don Quixote e Sancho Panza, em que somos transportados pela imaginação, folia, objetividade, regras, crença e fé.

Convidada a fazer o comentário do filme *È stata la mano di Dio*, de Paolo Sorrentino,² decidi fazê-lo com base no tema da *Ide* movida pela convicção de que, afinal, todos nós carregamos dentro de nós mesmos nosso próprio mistério, o divino, algo que nunca será completamente conhecido, e, ao mesmo tempo, o profano, o senso comum, o grupo. Ou, ainda, como na frase-prefácio do filme, frase de Maradona: *“ho fatto quello che ho potuto. Non credo di esse andato così male”* (“fiz o que pude. Não acho que fui tão mal”). Essa afirmação põe em pauta, como um augúrio de vida ao espectador no “portal” da exibição, a trajetória rumo ao crescimento. Quando é possível sair da indiferenciação do grupo, que está à espera de um líder, do Messias, movido pelo pressuposto básico de dependência, algo fora do próprio sujeito, ou pelas regras e busca narcísica de perfeição? Quando, enfim, será o encontro consigo mesmo, dentro daquilo que é possível, com suas próprias referências? O aspecto autobiográfico do filme trazido por Sorrentino é um

1 Analista didata e professora da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Doutora em saúde mental pelo Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo (EPM-Unifesp). Doutora em psicologia clínica pela Universidade de Roma La Sapienza. Pós-doutora pelo programa de psicologia clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP).

2 Grupo de Psicanálise de Marília e região. Tópico: Cine Debate. www.psicanalise.marilia.com.br, 5/2/2022, *A mão de Deus*. Comentários de Anne Lise Scappaticci. Coordenação de Luis Fernando de Nóbrega.

transportar-se como num sonho, num clima onírico, às cenas de sua infância, algo original em si mesmo, aos olhos concomitantes de um adulto ou como dizia Fellini, “*Nulla si sa, tutto si immagina*” (“Nada se sabe, tudo se imagina”). A autobiografia é autopoiese, é autocriação movida pela arte que pode ser cinematográfica ou, ainda, psicanálise verdadeira. Nietzsche denominou isso “*amor fati*”, ou seja, aceitação lúcida do destino humano, mesmo em seus aspectos mais cruéis e dolorosos.

A escolha do tema deste número se deu inspirada pelas ideias de Michael Eigen, que descreve em seus artigos a angústia de catástrofe pela aproximação de um ritmo próprio de si mesmo. Um “pulsar psíquico” único a cada personalidade, presente desde o início da vida, na oscilação de integração/não integração, e vice-versa, e o terror de não dar conta e sucumbir. A manutenção de um vínculo de Fé ou permanecer na crença, encapsular-se em regras e normas preestabelecidas. A psicanálise desde Freud inclui no(s) nascimento(s) sentimentos e angústias ligados ao medo de estar morrendo. Se alguém se amortece ou se amortece para sobreviver, pode ter ansiedade de tornar-se mais vivo, ansiedade de vitalidade.

Michael escreveu-me em seus *emails*: “Nós, de certa forma, nascemos e morremos por toda a vida. E somos uma mistura de liberdade e escravidão de muitas maneiras. Até mesmo sermos tiranizados por nós mesmos”. Eigen nos brinda com uma entrevista que abre nossa *Ide*.

Bion em sua autobiografia, *The long weekend* (1982), conta que na infância, junto com sua irmã, cunham um personagem influenciados pela maneira com a qual o som do início do “Pai nosso” em inglês, “*Our father who art in heaven*”, ressoava aos ouvidos de uma criança: “Arf Arfer”, um personagem que surge indicando a aproximação de momentos tão temidos, tem a voz de um trovão ou ainda as asas negras fantasmagóricas da fantasia. Nesse trecho, Bion perscruta a conversa de seus pais, vislumbrando de modo sensível a atmosfera emocional que transparece. Parece estar exposto ao funcionamento mental de sua família. Esse diálogo apreendido pelo pequeno Wilfred aborda a presença de algo que permeia misterioso, uma luz, quem sabe a musa inspiradora e a impossibilidade/possibilidade de apreensão humana.

Um dia estávamos todos juntos, cantando um hino, “Às vezes uma luz surpreende o cristão quando ele ora”. Minha mãe disse ao meu pai, deixando de lado o seu livro de hinos: “Eu acho que nunca ouvi falar de alguém que tenha tido essa experiência, você já, Fred?” Ela parecia triste. Depois de pensar por um momento, meu pai respondeu, pouco à vontade: “Sim, acho que sim, mas eu não tive”.

Eu estava assistindo, ouvindo atentamente. Por que eles estavam tão tristes? Coloquei minha mão na de minha mãe para confortá-la. Eles não tinham até aquele momento notado minha presença. O feitiço foi quebrado; minha mãe acariciou meu cabelo, e o assunto não foi retomado. Estranho. Muitas vezes me perguntei qual era a questão.

“Por que você está triste, mamãe?” Perguntei-lhe mais tarde; ela riu dispensando a sugestão. “Sim”, eu insisti, “você sabe – as surpresas de luz”, eu lembrei a ela.

“Algum dia você vai entender – quando você for adulto”, disse ela.

“Mas”, eu insisti, “você é adulta e disse que não entendeu.” Ela corou um pouco e riu. Aquela risada desconfortável. (Bion, 1982, p. 24)³

Como na música *Fantasia* Opus 17, escrita por Schumann em 1836, quando separado de sua amada Clara, o poeta nos fala de um momento maior de inspiração. A vida mental se encontra por meio da arte entre a sonata e a rapsódia. E por que não lembrar outras fantasias inesquecíveis, como no filme de Walt Disney de 1942, em especial, a cena do *Aprendiz de feitiçeiro*? Ou nas estrofes da música *Sem fantasia* (1968), de Chico Buarque, em que o protagonista parece aconselhar-se com sua musa em diálogo imaginário?

Um dos tantos musicais baseados numa releitura da obra de Cervantes, *Don Quixote, The man of la Mancha* estreou em 1965 na Broadway, com texto de Joe Darion e música de Mitch Leigh. Jacques Brel realizou em 1968 uma adaptação para o francês e levou o musical à cena na Bélgica e na França. O tema mais conhecido desse musical é, sem dúvida, *The impossible dream*, que Brel adaptou e intitulou *La quête*. Esta canção tem tido ao longo do tempo várias versões, sendo uma delas em português. Essa adaptação para a nossa língua foi escrita por Ruy Guerra, autor do “Fado tropical”, popularizado por Chico Buarque.

“Sonhar mais um sonho impossível/Lutar quando é fácil ceder/Vencer o inimigo invencível/ Negar quando a regra é vender...” (Guerra & Hollanda, 1972). Esta é a versão de *Impossible dream*, cantada por Maria Bethânia, immortalizando nossas próprias infâncias.⁴ Agradeço aos nossos leitores, aos nossos autores, a equipe editorial e a todos que colaboram com a *Ide*, mantendo, enquanto ainda brilhar, a chama acesa de nossos sonhos impossíveis, num voto de fé e esperança: não costuma falhar...

Referências

- Bion, W. R. (1982). *The Long Weekend 1897-1919: Part of a Life*. Karnac.
- Cervantes, M. S. (2005). *El Ingenioso Hidalgo Quijote de la Mancha* (Vol. 1, cap. 8). eBooksBrasil. (Trabalho original publicado em 1605)
- Guerra, R. & Holanda, C. B. (1972). Sonho impossível. In *O Homem de La Mancha* (Musical). (Música original de J. Darion & M. Leigh)
- Hollanda, C. B. (1968). *Sem fantasia*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CHwADeJBHoY>

3 Tradução livre da autora.

4 A letra completa da música pode ser conferida na descrição do vídeo oficial no YouTube: <https://m.letras.mus.br/maria-bethania/47243/>.